



Espanha 1936.

A guerra de Mika e Hyppolite Etchebéhère: apelo a outras memórias

Jean Puyade¹

Assumindo a necessidade absoluta de buscar elaborar uma visão dos “vencidos” da Guerra Civil Espanhola e por ocasião do 80º aniversário da explosão da Revolução e da Guerra Civil de 1936/39, foi realizada na Casa da América Latina em Paris, uma homenagem a uma das protagonistas deste acontecimento histórico cheio de potencialidades. Celebramos a figura da lutadora Mika ETCHEBEHERE², uma das poucas mulheres, talvez a única, a ter comandado uma coluna miliciana nesta guerra. Este fato por si só é grandioso. Feldman, de seu nome de solteira, esta ativista revolucionária nascida em 1902 na Argentina, adotou posteriormente o nome de seu companheiro de vida e lutas: ETCHEBEHERE. Como não poderia deixar de ser, a homenagem, foi feita também e ao mesmo tempo, a seu nobre e inseparável companheiro, Hyppolite Etchebéhère. Basco nascido em 1900 também na Argentina e que foi abatido por uma bala na batalha de Atienza (Madri), apenas a um mês do início do conflito quando, dirigia uma coluna do Partido Operário de Unificação Marxista, o POUM. Para preencher o vazio que ele deixou na direção da coluna foram os próprios companheiros milicianos que designaram Mika para assumir assim, na sua sequência, o comando da mesma.

Recentemente, uma nova edição de suas memórias, *Minha Guerra da Espanha: uma mulher à frente de uma coluna de combate*, acaba de ser publicado pela Editions Milena e Libertalia³ e sobre ela pode-se ler de uma carta de Júlio

¹ Foi professor de espanhol na França, na Espanha e em vários países da América Latina. Foi também Diretor da Aliança Francesa em São Paulo (Brasil) e em Santa Fé (Argentina). Além de haver colaborado com várias instituições e centros de pesquisa dos movimentos políticos e culturais, dentre os quais o CEMAP, sempre manifestou um interesse apaixonado pelas figuras históricas que ao longo dos séculos XIX e XX lutaram pela emancipação humana. Este foi o caso de Alexis Peyret de quem ajudou a publicação da biografia e o Centre Social Associatif ALEXIS PEYRET cujos fundos documentais foram legado à Bibliothèque Municipale de Serres-Castet. No Brasil foi o responsável pela única edição da coleção de poemas e ensaio de Benjamin Péret (que também participou à Guerra da Espanha), publicada em 1985 pela Editora Brasiliense sob o título *Amor sublime*. Puyade além de ser um dos artífices de uma Associação Internacional dos Estudiosos dos Surrealistas, colabora com *O Olho da História* desde a sua fundação, em 1995, tendo publicado destacadamente o artigo *Benjamin Péret: um surrealista no Brasil*.
<http://pt.slideshare.net/Equipemundi2014/benjamin-peretsurrealistabrasiljeanpuyade>.

² Homenagem à Mika ETCHEBEHERE (Micaela Feldman), Casa da América Latina, ocorrido em 25 de novembro de 2016: www.mal217.org/fr/agenda/hommage-a-mika-etchebehere

³ ETCHEBEHERE, Mika. *Ma Guerre d'Espagne à moi. Une femme à la tête d'une colonne au combat*. Paris, Edições Libertalia e Milena, 2015. As primeiras memórias de Mika foram publicadas em livro escrito originalmente em francês, e apareceram em 1976 pelas



Cortazar datada de 1974, as seguintes palavras: “Belo, necessário e eficaz, seu livro é o testemunho da Guerra da Espanha, mas igualmente das ruínas de nossa época, e da invencível esperança que é a nossa.”

Toda uma geração marcada pelo espectro da Revolução Russa aparece nas memórias de Mika que nesta edição vêm acompanhadas de um documentário argentino de Fito Pochat e Javier Olivera, em formato DVD⁴. Como nos é informado pelos editores, este documentário intitulado *Mika, mi guerra de España*, teve como um dos roteiristas o já citado Rodolfo (Fito) Pochat, um dos sobrinhos-neto de Hyppolite ETCHEBEHERE.

Fito e Javier seguem os passos de Mika e de Hyppolite na maioria dos lugares mencionados no livro. A narração de um dos seus sobrinhos, Arnold ETCHEBEHERE, nos guia na Argentina (Buenos Aires e Patagônia) e em Berlim, onde seu tio e Mika testemunharam a derrota sem luta do movimento operário, quando, ao contrário, estavam convencidos de uma possível vitória da revolução que poderia se estender até Paris.

Depois destes acontecimentos o casal ETCHEBEHERE, passou a viver na capital francesa e participou da luta política e social através da revista *O que fazer?*, opositora de esquerda à política do Partido Comunista Francês. Na França nutriram uma amizade a Alfred Rosmer e à sua esposa, relação que dura toda a vida deles. Por fim o filme nos faz mergulhar na Espanha daqueles anos. A partir de tomadas recentes e para reconstruir a parte espanhola da trajetória de Mika e de Hyppolite, os documentaristas usam fotografias e filmes da época, acompanhados ao longo da montagem dos comentários de seu sobrinho, o Arnold ETCHEBEHERE, que alterna com os depoimentos de Mika em vida e com a leitura de várias partes de seu livro de memória. Dentre os elementos fortes do filme, destaca-se a utilização de dois testemunhos filmados de Mika (um de 1973 e outro de 1984), descobertos e integrados ao filme pelos realizadores. Filme de arquivo elaborado em 2013, introduz assim, através da voz e imagem viva de Mika, um outro olhar à Guerra Civil Espanhola que precisa ser assumido inevitavelmente na reconstrução

Edições Denoël. O texto foi republicado pelas edições Actes Sud, na coletânea Babel Révolutions, em 1998. A nova edição, bem mais completa e cuidadosa, foi devida ao trabalho conjunto das Edições Milena e Libertalia. Além de fotos inéditas e de um texto do poeta Guy Prévan, um longo prefácio contextualizando-a foi escrito por Charles Jacquier. Trechos da correspondência de Mika com Alfred e Marguerite Rosmer, além de uma carta em fac-símile: <http://www.editionslibertalia.com/catalogue/coeditions/mika-etchebehere-ma-guerre-d-espagne-a-moi>.

⁴ O filme tem uma duração de 78 minutos, versões com legendas em Inglês, Espanhol e Francês. A narração é feita também pela voz de Cristina Banegas, Montoneta Cine Veta 21.



desse processo histórico. Nele encontramos os ecos do que foram, desde o 19 de julho, os primeiros dias e os primeiros meses do levante popular do qual participaram organizações operárias como resposta ao “pronunciamento” do exército, apoiado pelos grandes proprietários de terra, os financistas, os industriais, os grupos fascizantes, e a igreja. Quando o estado republicano explodiu a explosão de uma revolução social assumiu espontaneamente nas cidades e no campo, todas as possíveis iniciativas e terminaram se constituindo em comitês-governo que promoveram todas as funções e necessidades de uma sociedade civilizada: alimentação, alojamento, saúde, cultura, escola, energia, segurança, tocas de dinheiro. Nas suas memórias Mika não faz economia de recontar expondo sua visão crítica sobre a política de liberais e dos dirigentes do PCE para derrotar e desarmar esta revolução social em nome da “unidade para a guerra”. A historiografia oficial ou partidária da GCE fica assim, mais que relativizada.

Sobre a vida de Mika e Hyppolite, Horácio Tarcus, historiador argentino do movimento operário e da intelectualidade de esquerda de seu país, escreve o seguinte:

A vida deste casal de esquerda sintetiza de modo surpreendente a história da primeira metade do século XX, a história dessa “geração argentina de 1917” que nasce para a vida política no tempo da esperança e da utopia e que rapidamente será confrontada com as mais duras provas: o fascismo, o estalinismo e uma nova guerra mundial.

Tarcus é autor do estudo, intitulado *Historia de una pasión revolucionaria. Uma geração político-intelectual argentina*, tema ao qual dedica uma grande parte de sua pesquisa, mas também à mesma geração latino-americana que foi marcada pelo advento de 1917.

Quando conhecemos Mika ETCHEBEHERE em Paris no final dos anos 1980 na casa de amigos comuns, Ded Dinouart e Guy Prévan, falamos longamente sobre uma geração de intelectuais brasileiros de sua geração como Mario Pedrosa, Livio Xavier com quem ela dividia um amigo em comum, Benjamin Peret, poeta surrealista e revolucionário francês. Nós a entregamos documentos e pesquisas do Centro de Estudos Mario Pedrosa (CEMAP)⁵ sobre esta brilhante geração de ativistas e intelectuais brasileiros. Embora não os tenha conhecido pessoalmente, Mika os

⁵ O Centro de Documentação do Movimento Operário Mario Pedrosa, o CEMAP foi criado em 1981 por um grupo de professores, jornalistas e ex-sindicalistas para a preservação de documentos da história do movimento sindical brasileiro e do exterior, sem padrões de discriminação de correntes ou partidos. A documentação de fundo está agora na UNESP (Universidade do Estado de São Paulo): www1.cedem.unesp.br/acervos/acervo_cemap.htm



considerava irmãos do mesmo combate e da trajetória daqueles que como ela e Hyppolite viram crescer suas consciências política, quando o mundo desabava sob os escombros e assassinatos em massa da Primeira Guerra Mundial, mas também e como consequência, do processo da Revolução Russa de 1917 e de seu grito de revolta que poria em causa os fundamentos de uma ordem capaz de gerar, além de tudo a barbaridade das hecatombes guerreiras. Como o casal ECHEBÈHERE, esses irmãos brasileiros e toda uma geração de escritores, pensadores e ativistas latinoamericanos, recusou uso indevido dessa imensa esperança, assim como a desfiguração da Revolução de Outubro aliando-se à luta internacional dos opositoristas de esquerda ao stalinismo.

Não foi senão mais tarde que soubemos do trabalho do diretor e fundador da CeDinci⁶, Horacio Tarcus⁷. Este historiador argentino explica com muita precisão na introdução de seu texto sobre Hyppolite ETCHEBEHERE e Mika Feldman-ETCHEBEHERE:

A tragédia desta nata de revolucionários se volta contra qualquer projeto de re/criação de um socialismo libertário, se não formos capazes de demonstrar que a história da esquerda não é apenas uma história de submissão aos dogmas de interesses burocráticos e de ambições de poder. Se tais fenômenos fazem parte de uma história que nós devemos assumir e temos obrigação de criticar, também é certo que ela não foi apenas isso. Ao lado dessa história existem muitas outras de enorme lucidez intelectual, de um engajamento ético e de uma paixão revolucionária, como a que vamos contar.

A publicação no número 24 de O Olho da História dessa parte de uma investigação bem mais ampla que Horácio Tarcus lançará em breve sobre toda essa geração de militantes da Argentina, se transforma em um apelo a contribuições de outros centros estudos e pesquisas, de ativistas, e de historiadores em toda a

⁶ CeDinCI: www.cedinci.org/

O "Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas en la Argentina" (CeDinCI), é um centro dedicado à apresentação, à preservação e à catalogação de produções políticas e culturais da esquerda desde a sua origem na segunda metade do século XIX. O fundo documental inicial foi construído com base no grande e importante arquivo construído a título pessoal pelo historiador Horácio Tarcus, co-fundador e Director do Centro ao longo dos 20 anos que precederam a fundação do CeDinCI em 1998. Hoje fazendo parte da Universidade Nacional de San Martín (UNSAM), o CeDinCI é desde 2007 membro da Associação Internacional das Instituições História do Trabalho (IALHI).

⁷ Conhecemos Horácio Tarcus em Pau, na França, quando de uma participação conjunta em um colóquio sobre a figura e a trajetória de Alexis Peyret, ex-quarantidard (participante dos eventos relativos à Revolução de 1848), por ocasião do centésimo aniversário de sua morte, em 1902, o ano do nascimento de Mika. Peyret mais o catalão Bartholomew Victory e o chileno Francisco Bilbao (os três exilados em terra argentina), foram "os elos intermediários entre anos republicanismo 48 e do socialismo do final do século XIX", como explica Horácio Tarcus em "Alexis Peyret: um utópico pragmático". Ver em Alexis Peyret "Actes do 1º 1er Colloque Internationale de Université de Pau", Edições Gascogne.



América Latina com o objetivo de ajudar a restaurar e restituir a história dessa geração que, de formas específicas, apareceu em toda a América Latina e no mundo. Esperamos que ele vai ser ouvido e estão empenhados em participar daquilo que não pode ser senão que o fruto de um esforço colectivo.